

RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A., S.; PUCCI, B. (Orgs.). *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas/ Piracicaba: Autores Associados/Unimep, 2001.

*Monique Andries Nogueira\**

O presente livro é fruto de um trabalho coletivo. Trata-se de uma coletânea de ensaios apresentados por ocasião do Colóquio Nacional “O ético, o estético, Adorno”, acontecido em Piracicaba–SP, no período de 2 a 5 de junho de 1998. Esse evento foi organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Teoria Crítica e Educação, sediado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

O objetivo desse colóquio, assim como tem sido o dos demais encontros promovidos por esse mesmo grupo a cada dois anos, foi o de propiciar diversificadas reflexões sobre o pensamento adorniano, demonstrando quão fecunda a teoria crítica foi e continua sendo. Reunindo pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do saber – filosofia, educação, música, artes visuais –, o evento e, por conseguinte, o presente livro, são uma amostra dessa diversidade, promovendo um interessante amálgama, no qual Adorno aparece como ponto de partida de múltiplos caminhos, nem sempre na mesma direção. Tal como uma partitura musical contemporânea, abre-se a incontáveis possibilidades de interpretação. Nesse sentido, deu origem a duas coletâneas: uma dedicada aos ensaios relativos à relação entre educação e ética; outra, à educação e à estética. E é a respeito desta última que passaremos a nos referir de agora em diante.

O livro em questão é iniciado por dois ensaios do próprio Adorno, traduzidos por Newton Ramos-de-Oliveira, também organizador da

---

\* Doutora em Educação (USP), professora da Faculdade de Educação da UFG. [e-mail: andries@terra.com.br]

coletânea. O primeiro intitula-se “A arte é alegre?” e faz parte das *Notas sobre literatura* (1945), assim como o segundo, denominado “Teses sobre religião e arte hoje”. A respeito do pensamento de Adorno, afirmam os organizadores no prefácio que “pretender resumilo didática ou jornalisticamente é ser extremamente antiadorniano” (p. 5). Entretanto, mesmo sabendo do risco que corremos, tentaremos transmitir aos leitores desta revista uma pequena amostra da riqueza e da abrangência desses ensaios.

No primeiro, Adorno parte da afirmação de Schiller de que “séria é a vida, alegre é a arte”, por sua vez, inspirada em versos de Ovídio. Para Adorno, esta é uma sentença plenamente ideológica, um corolário do pensamento burguês, confirmando falsas dicotomias como trabalho/tempo livre, vida/arte. Schiller, no fundo, antecipa a situação da indústria cultural, em que “a arte é receita como vitaminas a cansados homens de negócios” (p. 12). Adorno passa então a demolir esse caráter aparentemente leviano da arte, entendendo a alegria da arte em um sentido muito preciso: “a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos” (p. 13).

No segundo ensaio, Adorno aborda a perda de unidade entre a arte e a religião. Para ele, essa ruptura é irreversível, uma vez que sua unidade correspondia a uma realidade histórico-social que não existe mais. Adorno desenvolve seu texto apontando os equívocos dessa unidade, afirmando que ela sempre foi problemática: “mesmo nos períodos em que se supõe ter havido a máxima integração entre religião e arte, como no mundo grego clássico ou no auge da cultura medieval, esta união foi grandemente imposta sobre a arte e teve, em certo grau, um caráter repressivo” (p. 20).

Após os ensaios de Adorno, têm início os trabalhos de autores brasileiros, apresentados no colóquio. O primeiro é de autoria de Rodrigo Duarte, professor do Departamento de Filosofia da UFMG, e intitula-se “Mundo globalizado e estetização da vida”. Trata-se de um vigoroso estudo a respeito do já tão corriqueiro termo *globalização*, incluídos aí seus significados e suas deturpações. Aborda, ainda, o fenômeno da indústria cultural no chamado *mundo globalizado*, evidenciando a atualidade da crítica adorniana.

Ramos-de-Oliveira é o autor do ensaio subsequente. No texto “Educação: pensamento e sensibilidade”, aborda com propriedade a problemática da semiformação, reiterando a posição de Adorno de que esta, ao contrário de ser uma etapa anterior à formação cultural, constitui-se verdadeiramente em sua antítese.

A seguir, a filósofa Jeanne Marie Gagnebin trata das relações entre ética e estética no pensamento adorniano e o faz com maestria. Tem como ponto de partida a célebre afirmação de Adorno a respeito da impossibilidade da poesia após Auschwitz e faz de seu ensaio uma continuação de suas reflexões iniciadas em outro encontro sobre estética, acontecido anos atrás em Belo Horizonte.

Hélio Roque Hartmann traz em seu ensaio uma interessante reflexão a respeito de uma aparente contradição adorniana: a posição entre seu pensamento político e seu otimismo estético. Para tanto, produz uma sólida análise com base na teoria estética de Adorno.

Amós Nascimento aborda a “Dialética da comunicação” baseando-se nas idéias de Kierkegaard. Apesar de centrar-se em Adorno, o autor constrói seu texto com contribuições de Hegel, Heidegger e Paul Tillich.

O sensível texto de Carmen Lúcia Fornari Diez põe foco no mundo das artes visuais. Analisa a obra do pintor Marc Chagall sob um ponto de vista adorniano, no que diz respeito à concepção da arte como resistência a todo tipo de opressão. É pena que o presente volume não apresente as reproduções dos quadros de Chagall, como aconteceu em sua exposição no já citado colóquio, o que tornaria a compreensão do texto muito mais efetiva.

A seguir, Luiz Hermenegildo Fabiano investiga o processo de “coisificação” das consciências dos consumidores da indústria cultural, evidenciando mais uma vez a atualidade da crítica frankfurtiana.

A questão das novas tecnologias de comunicação surge no ensaio de Belarmino César Guimarães da Costa. Deixa evidente que a forma como essas tecnologias têm se desenvolvido pode ser entendida como mais uma demonstração da força da indústria cultural. Traz ainda importante reflexão sobre o potencial crítico da arte, reiterando seu papel de elemento de resistência.

Henrique Garcia Sobreira analisa os processos éticos e estéticos do educador, utilizando para isso fundamentos da psicologia e da psicanálise.

Por fim, a música – tema tão caro a Adorno – é o assunto dos dois últimos ensaios. No primeiro, Glauce Arzua analisa o pensamento estético-musical de Adorno, a partir de sua obra *Filosofia da nova música*. Constrói interessante diálogo entre essas duas facetas adornianas: a do compositor e a do filósofo.

No segundo texto a respeito da música, Monique Andries Nogueira trata da relação entre música, consumo e educação escolar, evidenciando a forte presença da indústria cultural na formação do “gosto” de professores e alunos, numa evidente submissão a interesses comerciais e não estéticos.

Esse conjunto de ensaios – diferente em suas abordagens, convergentes em suas denúncias – reitera a necessidade da crítica frankfurtiana, particularmente aquela que encontramos no pensamento adorniano, para podermos, cada vez mais, nos posicionarmos contra a opressão e a favor da emancipação do homem.

RECEBIDO EM 19/05/2003

APROVADO EM 27/06/2003